

Linguagem, cultura e memória da Comunidade Quilombola de Boa Vista, na Ilha de Marajó/Pará

Nathalia Augusta Pereira, AMADOR¹
Sebastião Rodrigues da Silva, JÚNIOR²

Resumo: O presente estudo faz uma reflexão sobre os conceitos de linguagem, cultura e memória, numa comunidade no interior da Amazônia. O estudo tem como locus de referência a Comunidade Quilombola de Boa Vista, localizada no município de Salvaterra, na Ilha de Marajó, no Estado do Pará e o objetivo é analisar o universo cultural da comunidade por meio das memórias dos anciãos mediadas pela linguagem. Neste estudo, a linguagem apresenta-se de forma relevante em suas diversas formas de manifestação, pois é ela o canal pelo qual se aciona a memória. Os procedimentos metodológicos inserem-se na perspectiva qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e imagens cedidas pela própria comunidade.

Palavras-Chave: Linguagem; Cultura; Memória.

Introdução

A disciplina Teoria da Linguagem, componente do núcleo do Programa de Pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, tem como propósito corroborar a percepção de que a linguagem é transversal e está presente em qualquer iniciativa investigativa. Ministrada à turma de Soure-Marajó, a disciplina abordou ampla diversidade de aspectos, com foco nas suas múltiplas formas de apresentação, entre as quais inclui-se a linguística, como área de investigação que se ocupa dos fenômenos da comunicação. No tracejado dos elos linguagem-língua; cultura-práticas; memória-resistência, apresentamos, neste artigo, um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: *As memórias dos anciãos: a ancestralidade na Comunidade Quilombola de Boa Vista, no município de Salvaterra, na Ilha de Marajó/Pará*, cujo objetivo principal é registrar as memórias dos anciãos da referida comunidade como forma de corroborar a resistência ao desaparecimento da cultura local. Partimos do princípio de que o processo de globalização culmina por fragmentar essas comunidades, promovendo desigualdades a partir do desfazimento de fronteiras.

Valente (2000, p.15) observa que

sob o signo da revolução tecnológica, [a] globalização e fragmentação expandem-se hoje, acarretando um impiedoso processo de exclusão econômica, política, cultural e

¹ Graduada em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Pará (2012). E-mail: salvaterra922@gmail.com.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Pará. Professor Associado I da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança (UFPA). Professor do programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. E-mail: sebast@ufpa.br.

étnica. A fragmentação nada mais é do que uma estratégia de fortalecimento da globalização, tendo em vista que ela acontece na dimensão do espaço, do indivíduo e da cultura. No espaço social da globalização, a fragmentação é um instrumento de poder político.

Neste estudo, a linguagem oral – narrativas coletadas em entrevistas – e a linguagem escrita – registros dos dados coletados – emergem como formas de resistir a esse processo de exclusão cultural e ideológica ao tornar acessíveis aspectos da cultura à comunidade quilombola de Boa Vista. Para Hall (1968), a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados, e que, neste caso especificamente, funciona como resgate dessa cultura presente na memória dos anciãos.

Alguns conceitos de linguagem

Durante séculos, a linguagem foi considerada um instrumento passivo de comunicação, que permitia ao ser humano apenas descrever o que percebia, sentia ou pensava. Nessa perspectiva, a linguagem era vista como ferramenta de comunicação – um veículo de transmissão de função subalterna e meramente mediadora. Essa interpretação tem sido questionada por décadas, ao longo das quais evoluíram os estudos da linguagem. É com Saussure (2006 [1916]), no início do século XX, que a linguística surge como disciplina autônoma e como sistema semiótico. No final do mesmo século, uma nova concepção de linguagem, agora como fato social, surge com Meillet (1948).

O século XX testemunhou o desenvolvimento de duas tendências de interpretação da linguagem, as quais surgem em relação dialética – o estruturalismo bloomfieldiano (Costa, 2013), que tem raízes nas ideias de Saussure e o gerativismo chomskiano (Kenedy, 2013). As duas correntes, embora guardando algumas semelhanças, afastam-se no ponto em que a primeira vê a língua autonomamente e busca entender como funcionam os princípios de sua organização interna, enquanto a segunda evidencia a competência linguística como características inatas ao ser humano.

No lastro da concepção social de linguagem preconizada por Meillet, surgem as ideias de Bakhtin, o qual defende que existe uma inter-relação entre a língua, a sociedade e as pessoas (Bakhtin, 1997) e de Labov trazendo legitimação da variação linguística e valorizando o contexto social (Labov, 2008 [1978]).

Hoje, seguindo essa percepção sociolinguística, se reconhece que, ao falar, o indivíduo não só descreve o que observa, mas atua no mundo e faz com que certas coisas

aconteçam. A linguagem assume, dessa forma, o seu potencial transformador à medida que os discursos operam como ferramentas de convencimento, de resistência e de demarcação de territorialidades.

Para Koch (2003), linguista brasileira nascida na Alemanha, em seu livro *A interação pela linguagem* diz que:

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social (Koch, 2003, p. 128).

A autora afirma que a linguagem estabelece vínculos e compromissos através da interação dos membros da sociedade. Para Kristeva (1969), quem diz linguagem diz demarcação, significação e comunicação. Nesse sentido, todas as práticas humanas são tipos de linguagens, visto que têm a função de demarcar, de significar, de comunicar.

Kristeva (1969, p. 18) ainda acrescenta: “se a linguagem é a matéria do pensamento, é também o próprio elemento da comunicação. Não há sociedade sem linguagem, assim como não há sociedade sem comunicação”.

Conforme Hall (1968), a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem entre si por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.

Observa-se que, apesar das diferentes concepções de linguagem, há um ponto consensual, que afirma serem tanto a linguagem verbal quanto a não verbal, formas de os indivíduos se comunicarem e se constituírem como pessoas. A linguagem firma a identidade, como defende Hall (2004). Esta percepção de linguagem encontra-se na base reflexiva de nossa pesquisa que a considera tanto como forma de acesso à memória - por meio da fala - quanto como forma de representar simbolicamente o ethos da comunidade em foco e a possibilidade de transformá-la por meio do discurso de resistência.

Conceito de cultura em breves noções históricas

O conceito de cultura é construído nas Ciências Sociais a partir da análise da realidade social, que pode ser feita com base em diferentes pontos de vista, em razão de sua capacidade de transformação. Um primeiro passo para a compreensão desse conceito está na constituição do próprio termo e seu significado.

Segundo o sociólogo alemão Norbert Elias, o termo alemão Kultur foi utilizado até o princípio do século XX, na Alemanha, para se referir aos aspectos não materiais (intelectuais, artísticos, religiosos) da sociedade, em oposição ao termo Zivilisation, que alude aos aspectos materiais de uma cultura (todo tipo de utensílios, ferramentas, instrumentos, máquinas, hábitos alimentares, tipos de habitação) – um valor de segunda classe, quando comparado ao comportamento e às realizações do espírito humano.

A síntese de ambos os significados, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, reconheceu a civilização como processos, e não mais um estado, e deu origem ao termo cultura tal como o conhecemos atualmente – reunindo essas duas dimensões dos valores e práticas sociais. Um segundo olhar sobre o conceito de cultura se detém sobre seu papel na compreensão da vida social.

Nesse sentido, a percepção de que os comportamentos e os valores das diferentes sociedades não eram os mesmos levou cada uma a estabelecer diversas explicações para essa diferença. Entre essas explicações, encontram-se os determinismos biológicos e geográficos, que podem ser vistos como métodos não científicos de compreender essas diferenças. Esses determinismos foram suplantados ao longo do desenvolvimento das ciências sociais, dando lugar a uma visão mais plural do termo.

No primeiro caso, o determinismo biológico, as diferenças entre os seres humanos são explicadas com base em características biológicas herdadas. Assim, as sociedades seriam diferentes porque seus membros possuiriam características biológicas distintas. No segundo caso, o determinismo geográfico, as características geográficas são tomadas como modelo para a explicação das diferenças entre as sociedades. Apesar da influência que ainda exercem sobre o senso comum, essas duas doutrinas foram superadas, visto que sociedades com origens biológicas semelhantes desenvolvem comportamentos e formas de organização diferentes entre si, e que sociedades que ocupam a mesma região geográfica também podem ser diferentes em muitos aspectos.

Em síntese, a cultura é tudo que a sociedade produz, como ideias, costumes, valores e até as vestimentas. Sob esta ótica, comunidades como as quilombolas, cujos saberes e fazeres trazem peculiaridades inerentes às suas constituições históricas pautadas pela forma como esta se desenvolveu, se constituiu enquanto uma comunidade quilombola.

Memória, identidade e resistência

No artigo intitulado “Sociologia da cultura, memória e criatividade social”, Domingues (1999),

A memória social é responsável pela estruturação dos sistemas sociais, ou seja, pelo estabelecimento e manutenção de padrões interativos e institucionais, subjazendo também a operações técnicas e científicas. Ela inclui reminiscências, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, padrões cognitivos, o conhecimento científico e tecnológico, assumindo formas ideais e materiais que se encontram concretamente imbricadas e que podem ser separadas apenas analiticamente. A memória social provê os padrões para a estruturação do "imaginário", isto é, para a dimensão expressiva, cognitiva e normativa da vida social, para o desenvolvimento das relações sociais e para o intercâmbio material dos sistemas sociais com a natureza. Ela fornece também os padrões para a estruturação de sua dimensão espaço-temporal, sua configuração (coesão mais demarcação) e ritmos (de reprodução e mudança) [...] A recursividade da vida social depende dela.

Halbwachs (2013) criou a categoria “memória coletiva”, por intermédio da qual postula que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não forem considerados os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. É, portanto, mediante a categoria de “memória coletiva” de Halbwachs (2013) que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual (de natureza psicológica), tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social.

Essa categoria de análise trouxe contribuições valiosas para os trabalhos na área da sociologia, psicologia, história, entre outros, influenciando a produção de importantes trabalhos.

Nas comunidades de remanescentes de quilombo, a memória é muito importante e se concretiza pela oralidade, essas memórias são transmitidas por anciãos e na maioria das vezes é o único registro histórico dos costumes, práticas agrícolas, práticas religiosas, saberes, entre outros.

Segundo o Guia de Políticas Públicas para Povos e Comunidades Tradicionais (2022), no Brasil existem 28 segmentos de povos e comunidades tradicionais que são:

Indígenas, Pescadores Artesanais, Extrativistas Costeiros e Marinhos, Benzedeiros, Geraizeiros, Veredeiros, Morroquianos, Quebradeiras de Coco Babaçu, Cipozeiros, Povos Ciganos, Comunidades Quilombolas, Povos de Terreiro e de Matriz Africana, Caiçaras, Caatingueiros, Ilhéus, Povo Pomerano, Retireiros do Araguaia, Andirobeiros, Comunidades de Fundos e Fechos de Pasto, Extrativistas, Faxinalenses, Apanhadores de Flores Sempre Vivas, Raizeiros, Vazanteiros, Pantaneiros, Ribeirinhos, Catadores de Mangaba e Caboclos (DECRETO 7.850/2016).

De acordo com o Decreto nº 6.040/2007, Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são definidos como:

Grupo culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usa territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

Conforme o censo de 2022, no Brasil, existem 494 territórios quilombolas oficialmente delimitados, presentes em 24 estados e no Distrito Federal. Destaca-se a ausência de quilombolas no Acre e em Roraima. A Bahia é o estado com maior população quilombola recenseada, em seguida vem o Maranhão, Minas Gerais, Pará e Pernambuco.

No estado do Pará, o município de Salvaterra está na quinta colocação com 7.437 quilombolas, que corresponde a 30,8% da população do município, são 17 comunidades autorreconhecidas: Bacabal, Bairro Alto, Boa Vista, Boca da Mata, Caldeirão, Cururu, Deus me Ajude, Mangueiras, Paixão, Pau Furado, Providência, Salvá, Santa Luzia, São Benedito da Ponta, Siricarí, Rosário e Vila União/Campina.

A Comunidade Quilombola de Boa Vista

O território Quilombola de Boa Vista foi, inicialmente, povoado por sete famílias oriundas de escravizados fugidos de fazendas próximas. Inicialmente, chegaram duas famílias, com o protagonismo do casal Leôncio e Umbelina ou “Maria Embola” dos Prazeres, que passaram a ocupar o lugar chamado “Casa de Baixo”, depois conhecido como “Boa Vista Velha”, onde fizeram um poço e algumas áreas de roça.

Outras famílias, em sequência, também ocuparam as terras de Boa Vista. É o caso da família do senhor Diniz e da senhora Maria Luíza Alves do Nascimento, que são pais de Benedito Silva Pinho casado com a senhora “Mundica” da comunidade de Mangueiras e Oscar Silva Pinho casado com a senhora “Diquinha” e pai adotivo do senhor Domingos Barbosa de Figueiredo, ocuparam o lugar chamado de “Dois Irmãos”, depois chamado de São Jorge.

Já o lugar conhecido como “Cinzano”, de acordo com o senhor Osvaldo dos Prazeres, foi ocupado pela família do senhor Raimundo Alves, Pedro Alves e também pela senhora Sílvia do Nascimento. Os dois primeiros saíram de Cinzano e mudaram-se para o local conhecido por São Marcos, onde faziam roça e criavam porcos, já a senhora Sílvia permaneceu morando em Cinzano. Posteriormente, os filhos do senhor Raimundo Alves, Luis Oliveira do Nascimento e a senhora Mariinha Souza do Nascimento, passaram a morar em São Marcos, onde continuaram a trabalhar com a atividade de roça.

O local, conhecido originalmente pelos comunitários como “Nova Rumo”, atualmente chamado pelos quilombolas de “Tem Juízo”, foi ocupado inicialmente pela família da senhora Mirca e do senhor Ramiro Gonçalves. Eles são pais da senhora Raimunda Gonçalves, conhecida como “Cívica”, que é mãe da senhora Iza Gonçalves, conhecida como “Zitinha”. A família do senhor Orivaldo da Conceição veio no passado com a família do local chamado “Retirado”. Os respectivos sobrenomes dessas famílias são: Gonçalves, Pereira, Nascimento, Ferreira, Conceição, Amador e Prazeres. A partir da chegada de outras famílias no território, os novos moradores começaram a chamar o local de Boa Vista, nome até hoje usado para identificar o Território.

Figura 1: Madalena dos Prazeres (falecida), ela foi uma das primeiras moradoras da comunidade.



Fonte: Acervo do senhor Osvaldo Pereira dos Prazeres, 2023 (cedido para esta publicação).

A professora e psicóloga Ecléa Bosi (2003) diz que: “os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra”.

Diante disso, observa-se a importância dos anciãos, invisibilizados na sociedade, mas têm o papel fundamental na estrutura social daquela comunidade, pois é através deles que são transmitidos, por meio da oralidade, as histórias, costumes, saberes e fazeres de seus ancestrais.

Segundo a pesquisadora Maria Nazareth Fonseca (2008, p. 143):

A palavra do velho e o lugar da velhice significam a fidelidade e a manutenção do conhecimento, condições de manutenção da vida coletiva em sociedades orais. Nessas sociedades, o homem é sempre significado pelo que aprendeu com os mais velhos, e esse aprendizado é naturalmente passado aos que vêm depois dele, como forma de garantir a coesão do grupo. Do mesmo modo o culto à palavra dos antepassados encarna-se no culto ao mais velho, que é respeitado em virtude do saber que detém. Esse saber é construído pela observação, desde muito cedo, dos fatos que lhe foram contados e recontados pelos que o precederam.

A comunidade de Boa Vista continua, atualmente, em processo de titulação, em consequência de um erro no documento que é o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O INCRA, uma autarquia federal, teve que refazer o referido documento, mas a Comunidade de Boa Vista é certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares. A comunidade é formada por uma vila conhecida como Vila de São Vicente e também Sítio São Marcos e Sítio da Enciada e possui 117 famílias distribuídas nesse território.

Na comunidade de Boa Vista, algumas famílias ainda plantam roça de mandioca, para fazer a farinha para o consumo, além disso, realizam a extração do tucupi e a tapioca (amido). Atualmente, a comunidade planta roça de abacaxi, haja vista ser o município o terceiro produtor do fruto no estado do Pará. A comunidade tem uma escola do ensino fundamental, igrejas evangélicas e uma igreja católica.

A Comunidade Quilombola de Boa Vista tem uma cultura rica e diversificada, pois os habitantes da comunidade são descendentes de indígenas e de escravizados, essa miscigenação influencia nas práticas religiosas, hábitos alimentares, saberes e fazeres, entre outros.

Relata Fonseca (ibidem), que todos os anos, no início do mês de setembro, é realizado o “Círio de Nossa Senhora do Livramento”. Segundo alguns anciãos da comunidade, antes era realizado o círio em homenagem a São Tomé, santo dos lavradores da comunidade. No período do Círio, a localidade recebe muitos visitantes, vindos da sede do município e das outras localidades próximas.

Figura 2: Igreja de Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Acervo do senhor Osvaldo Pereira dos Prazeres, 2023 (cedido para esta publicação).

Ainda no mês de setembro a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Quilombola Boa Vista, participa na sede de Salvaterra, do desfile das escolas quilombolas, que é realizado um dia após o desfile de 7 de setembro.

Figura 4: Participação do desfile escolar de 2023



Fonte: Eliana Pereira, 2023 (foto autorizada para esta publicação).

Na Comunidade Quilombola de Boa Vista, algumas famílias ainda têm o costume de criar animais para sua alimentação e também plantar ervas medicinais no quintal de suas casas. São os saberes e fazeres da tradição que foram transmitidos pelos ancestrais que ainda resistem na comunidade que é o resultado da miscigenação.

Figura 5: Criação de galinha no quintal e cultivo de plantas medicinais.



Fonte: acervo da autora, 2023.

Considerações finais

Este estudo procurou abordar e conectar conceitos de linguagem, cultura, memória com experiências de povos e comunidades tradicionais, proporcionando uma visão da Comunidade Quilombola de Boa Vista. Trata-se de um recorte de pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi conhecer o universo cultural da comunidade através da memória dos anciãos, por meio de entrevistas.

Observou-se que a maioria dos residentes da comunidade são adultos, adolescentes e crianças. Estes últimos desconhecem a origem, costumes e saberes ancestrais da comunidade, o que reforça a necessidade da memória dos velhos como elemento fundamental para a manutenção de suas tradições e de sua cultura. Destaca-se também a importância da linguagem (neste caso, da oralidade, das histórias dos anciãos) no processo de reconhecimento e fortalecimento do conjunto de saberes e fazeres que compõem a experiência vivida pelos membros da comunidade e que são fundamentais para o sentimento de pertencimento, do viver em uma comunidade quilombola.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007.

BRASIL. Decreto nº 8.750, de 09 de maio de 2016.. Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: Seção 1, Brasília, DF, ano 88, 10 mai.2016.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E., et all. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.113-126

FONSECA, Maria Nazareth. **Velho e Velhice** nas literaturas africanas de língua portuguesa. In:_____.Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart, **Cultura e Representação** Editorial: PUC - Rio: Apricuri. Rio de Janeiro, 2016.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E., *et al.* Manual de Linguística. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 127-140.

KOCH, Ingedore. **A interação pela linguagem**. 8.ed. São Paulo: Contexto,2003.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MEILLET, Antoine. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

Language, culture and memory of the Quilombola Community of Boa Vista, on the Island of Marajó/Pará

Abstract: This study reflects on the concepts of language, culture and memory, in a community in the interior of the Amazon. The study's locus of reference is the Quilombola Community of Boa Vista, located in the municipality of Salvaterra, on the Island of Marajó, in the State of Pará, and the objective is to analyze the cultural universe of the community through the memories of the elders mediated by language. In this study, language is relevant in its various forms of manifestation, as it is the channel through which memory is activated. The methodological procedures fall within a qualitative perspective, based on semi-structured interviews, photographic records and images provided by the community itself.

Keywords: Language; Culture; Memory.

Recebido em 14 de dezembro de 2024
Aprovado em 23 de dezembro 2024
Publicado em 31 de dezembro de 2024